

A PAISAGEM COMO PROBLEMA: CONHECER PARA PROTEGER, GERIR E ORDENAR

VOLUME III



PEDRO FIDALGO

(coord.)

FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

ih
INSTITUTO
DE HISTÓRIA
CONTEMPORÂNEA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

A PAISAGEM COMO PROBLEMA: CONHECER PARA PROTEGER, GERIR E ORDENAR

Pedro Fidalgo (coord.)

AUTORES

Aline Defellipe Câmara	Fernanda Moço Foloni	Margarida Carvalho
Amanda Cristina Franco Gualdi	Fernando Eraldo Medeiros	Maria Bezerra
Ana Amorim	Filipa de Castro Guerreiro	Maria da Graça Saraiva
Ana Beatriz Jardim Alves	Francisco da Silva Costa	Maria Fandiño
Ana Carolina Carmona-Ribeiro	Francisco Eduardo Torres Cancela	Maria João Centeno
Ana Cristina Santos Guerreiro	Francisco Horta Maranhão	Maria Manuela Laranjeira
Ana Paula Pires	Francisco Paiva	Maria Mota Almeida
Ana Rita Sá Carneiro	Giuliana Giuseppa F. dos Santos	Mariana do Rosário Machado
Andreia Cristina Amorim Pereira	Gonçalo Duarte Gomes	Mariano Gambín García
Andreia V. Quintas	Graciela Márcia Fochi	Marta Carvalho
Antonio Claret Miranda	Gregorio Canales Martínez	Marta Raquel da Silva Alves
António Meireles	Helena Figueiredo Pina	Mateus Pessetti
Arildo Camargo	Hugo Fortes	Meri Lourdes Bezzi
Arlis Buhl Peres	Isabel Loupa-Ramos	Micheline Helen Cot Marcos
Bárbara d'Acampora	Isabel Maria Matias	Miguel Ángel Lozano Jiménez
Beatriz V. Toscano	Jacinta Fernandes	Miguel Bandeira
Caio Fernando Santos de Alencar	Jeanne Almeida da Trindade	Mirela Duarte
Camila Sant' Anna	Joana da Cunha Fernandes	Miriam Victoria Fernandez Lins
Camilo Blanco Pampin	João Gomes de Abreu	Nara Nastari Villela Gardel Barbosa
Carla Rolo Antunes	João Gustavo Andrade Silva	Norma Regina Truppel Constantino
Carlos Alves Lopes	João Paulo Carvalho do Amaral	Nuria Freire Gonçalves
Carlos Bragança dos Santos	João Rafael Santos	Pascal de Moura Pereira
Carlos Gonçalves Terra	Joaquín Romano Velasco	Patrícia Freire
Carlos Vargas	Jorge Batista	Paulo Bianchi
Caroline Ganzert Afonso	José Cavaleiro Rodrigues	Pedro Fidalgo
Cassandra Helena Faes	José Fariña Tojo	Rafael Winter Ribeiro
Catarina de Almeida Pinheiro	José Ignacio Vila Vázquez	Renata C. Oliveira de Carvalho
Chilavert Topolski	José Joaquín Parra Bañón	Ricardo Bento
Cidália Ferreira Silva	José Manuel Vázquez Mosquera	Ricardo Pereira Rodrigues
Clara García Mayor	José Ramón Moreno Pérez	Ricardo Stedile Neto
Claucionei Lucimar Gengnagel	Josyanne Pinto Giesta	Rosana Sommaruga
Cláudia Ávila Gomes	Juliana Christiny Mello da Silva	Roseline Vanessa Santos Oliveira
Cláudia Gaspar	Karina Andrade Mattos	Rubens de Andrade
Cristian Rojas Cabezas	Karla Garcia Biernath	Rui Florentino
Daniela Pereira Alves Ribeiro	Laura Domínguez Correa	Samuel Roda Fernandes
Diana Amaral	Ligian Cristiano Gomes	Sandra Escobar
Dolores Gutiérrez Mora	Luciane Rodrigues de Bitencourt	Sebastiano Antonio Raimondo
Domingos Lopes	Lúcio Cunha	Taís Alvino da Silva
Duarte Natário	Luís Alexandre Castanho	Teresa Madeira da Silva
Eliane Maria Foletto	Luís Brandão Coelho	Tiago Santana Águas
Emilia Román	Luís Vieira	Tomás Reis
Emilio Pérez Chinarro	Luís Ribeiro	Vanessa Carla Sayão Cortez
Érica Lemos Gulinelli	Luz Fernández-Valderrama Aparicio	Veerle Van Eetvelde
Esdras Araujo Arraes	Madalena Pinto da Silva	Véronique Zamant
Esteban Poole Fuller	Mafalda Alves	Victoria Sánchez Giner
Ester Higuera	Manuel Fernández Díaz	Vladimir Bartalini
Eva Luque	Marcelle Dutra	Yasmin Lubachevski
Fernanda Maria Follmann	Margareth Afeche	

**A PAISAGEM COMO PROBLEMA:
CONHECER PARA PROTEGER, GERIR E ORDENAR**

EDITA

Instituto de História Contemporânea da
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da
Universidade Nova de Lisboa

LOCAL

Lisboa

DATA

Setembro de 2018

ISBN

978-972-96844-8-7

ÍNDICE DO VOLUME III

Eva María Luque García Territorio de plástico. El origen del objeto invernadero	6
Fernanda Maria Follmann, Eliane Maria Foletto e Francisco da Silva Costa Importância das áreas protegidas como subsídio para proteção da paisagem: O caso de Santa Maria/Brasil e Guimarães/Portugal	27
Filipa de Castro Guerreiro Da leitura geográfica à inscrição na paisagem. A implantação das Colônias Agrícolas construídas pela Junta de Colonização Interna entre 1936 e 1960	46
Francisco Horta de Albuquerque Maranhão Landcanvas ; Walkscape - Dualismos da arte contemporânea da paisagem	71
Francisco Paiva A Paisagem através da Cartografia	97
Gonçalo Duarte Gomes Resiliência negativa, ou as paisagens obstinadamente desordenadas	118
Giuliana Giuseppa D'Antoni Ferreira dos Santos e Rubens de Andrade Urban gardens as health environments: Planning and public policies for qualifying cities	144
Helena Figueiredo Pina, João Gomes de Abreu, José Cavaleiro Rodrigues, Maria João Centeno, Margarida Carvalho e Ricardo Pereira Rodrigues A mediação museológica como eixo de valorização, proteção e construção de paisagens sustentáveis: o projeto "Museu da Paisagem"	159
Hugo Fortes Paisagens em fluxo: Os rios a partir da visão de instalações artísticas contemporâneas	179
Isabel Loupa-Ramos, Paulo Bianchi e Veerle Van Eetvelde Capturing stakeholder knowledge in participatory landscape mapping: Scrutinizing research approaches	199

Isabel Maria Matias, Pascal de Moura Pereira e Luís Brandão Coelho A Paisagem como suporte de uma estratégia para o ordenamento e gestão sustentável. Plano de Paisagem das Terras de Coura	215
Jeanne Almeida da Trindade Preservação de parques históricos na contemporaneidade	232
João Gustavo Andrade Silva, Fernando Eraldo Medeiros, Francisco Eduardo Torres Cancela, João Rafael Santos Rebouças e Renata C. Oliveira de Carvalho A paisagem cultural de Porto seguro: Novas perspectivas para o patrimônio chancelado	250
João Paulo Carvalho do Amaral À sombra da mangueira – Reconhecendo os valores da <i>Mangífera Indica</i> para arborização urbana de Belém do Pará, Brasil	274
Joaquín Romano Velasco, Emilio Pérez Chinarro, Ricardo Bento e Domingos Lopes Red de Paisajes como estrategia de sustentabilidad: Estudio de caso de la reserva de la biosfera transfronteriza meseta Ibérica	297
Jorge Batista A paisagem-imagem de Sintra e a sua natureza visual	317
José Fariña Tojo Infraestrutura verde y paisaje	338
Notas curriculares	346

RED DE PAISAJES COMO ESTRATEGIA DE SUSTENTABILIDAD: ESTUDIO DE CASO DE LA RESERVA DE LA BIOSFERA TRANSFRONTERIZA MESETA IBÉRICA

Joaquín Romano Velasco, Emilio Pérez Chinarro, Ricardo Bento e Domingos Lopes

Resumen: El objetivo de sostenibilidad del paisaje rural, ampliamente extendido, plantea enormes diferencias de enfoques, procedimientos y agendas de problemas entre los que proyectan este objetivo en el mercado y los que lo hacen como práctica cultural, social y ecológica. Introducimos en esta comunicación a esta controversia, desde el enfoque integrador de paisaje que ofrece el Convenio Europeo del Paisaje, para analizar el papel de las reservas de la biosfera (RB) creadas por la UNESCO en la preservación y recuperación de los paisajes rurales. El reconocimiento internacional puede constituirse como elemento estructurador en la valorización del Paisaje, en espacios sujetos a enormes presiones. El estudio del caso de la Reserva de la Biosfera Transfronteriza Meseta Ibérica en la frontera del Duero (RBTMI) permite observar el riesgo de aplicar estrategias difusas y ambivalentes entre estos enfoques, proponiendo una estrategia de gestión de paisajes en red basada en identificar, con apoyo cartográfico, aquellas interrelaciones complejas que históricamente mejor han sabido reconocer y aprovechar en este territorio los vínculos entre las actividades humanas y la conservación de su biodiversidad.

Palabras clave: Red de Paisajes; Reserva de la Biosfera; Desarrollo Rural Sostenible; Cooperación Local Transfronteriza.

LANDSCAPE NETWORK AS A SUSTAINABILITY STRATEGY: A CASE STUDY OF THE "IBERIAN PLATEAU TRANSBOUNDARY BIOSPHERE RESERVE.

Joaquín Romano Velasco , Emilio Pérez Chinarro, Ricardo Bento and Domingos Lopes

Abstract: The widely spread objective of the rural landscape sustainability offers large differences in terms of approaches, procedures and agendas of problems between those who pursue this objective in the market and those who do it as a cultural, social and ecological practice. In this paper, we address this controversy from the integrative approach of landscaping provided by the European Landscape Convention to analyze the role of the reserves of the biosphere (RB) created by UNESCO in the preservation and recovery of rural landscapes. International recognition can constitute a structuring element in the valorization of the landscape in spaces subject to enormous pressures. The study of the "Iberian Plateau Transboundary Biosphere Reserve" case on the riverside of the Duero let us to warn about the risk of applying diffuse and ambivalent strategies among those approaches, and to propose a landscape management network strategy based on identifying by cartographic support those complex interrelations that have historically been better able to recognize and take advantage of the links in that territory between human activities and the conservation of biodiversity.

Keywords: Landscape network, biosphere reserve, sustainable rural development, local cross-border cooperation.

RED DE PAISAJES COMO ESTRATEGIA DE SUSTENTABILIDAD: ESTUDIO DE CASO DE LA RESERVA DE LA BIOSFERA TRANSFRONTERIZA MESETA IBÉRICA

Joaquín Romano Velasco , Emilio Pérez Chinarro, Ricardo Bento e Domingos Lopes

1 - Introducción

Cancela d'Abreu et al.(2002) destacan el carácter holístico del paisaje, en el que se integran las dimensiones ecológica, cultural, socioeconómica y sensorial. El Paisaje es un sistema dinámico, donde los diferentes factores naturales y culturales interactúan y evolucionan en conjunto, determinando y siendo determinados por la estructura, lo que resulta en una configuración particular, especialmente de relieve, de cobertura vegetal, uso de suelo y poblamiento, que le confiere una cierta unidad y a la que corresponde un determinado carácter.

Puede decirse que el paisaje extiende en Europa su reconocimiento institucional en base al Convenio Europeo del Paisaje firmado en Florencia el año 2000, promovido por el Consejo de Europa, creciendo su significación en las políticas hacia el desarrollo sostenible para animar estrategias muy diversas que comprenden tanto las de conservación de prácticas tradicionales a las más innovadoras en dimensiones múltiples. El paisaje de un territorio no se refiere sólo a un mero análisis de las características físicas, sino que su carácter integrador obliga a percibir el componente sociológico, la historia que le subyace, las sensaciones que transmite a quien vive o lo visita.

Por su parte, la UNESCO ha aprobado diferentes convenciones y programas mundiales con el objetivo de garantizar al máximo la protección del patrimonio cultural y natural, en las que el paisaje es destacado en diferentes formas y acepciones, interesándonos especialmente por el papel que está llamado a jugar en el Programa científico intergubernamental sobre el Hombre y la Biosfera (MAB)

de la UNESCO, puesto en marcha a principios de la década de 1970 con el objetivo de establecer bases científicas para cimentar a largo plazo el mejoramiento de las relaciones entre las personas y el ambiente.

Esta investigación profundiza en la gestión estratégica de los paisajes a partir de su naturaleza compleja y transdimensional, desarrollando una metodología innovadora de gestión participativa en base a redes de acción locales determinantes en los paisajes identitarios. Su aplicación al estudio del caso del territorio reconocido por la Unesco Reserva de la Biosfera Transfronteriza Meseta Ibérica (RBTMI), se enmarca en el Proyecto "Red de paisajes rurales en la frontera del Duero: Un mapa estratégico de la Meseta Ibérica"¹¹⁸, cuyo objetivo es promover la ecoeficiencia de los recursos paisajísticos así como la protección de los agroecosistemas en el entorno del Río Duero, que siendo una frontera histórica entre España y Portugal, también es un corredor fluvial y un ecotono claves en los patrones comportamentales y la conectividad de estos paisajes ancestrales.

La noción y enfoque de paisaje adoptado es el referente que nos permitirá en un primer apartado justificar y sintetizar el contenido de la estrategia de gestión de paisajes en red propuesta, basada en los desafíos de la diversidad frente a las dinámicas de transformación de paisajes rurales originarios producidas por unas sociedades cada vez más globales, y que exigen un espíritu más reflexivo y crítico, con un pensamiento desde el paisaje sobre el marco de vida que impulse el cambio del paradigma individualista y mercantilista al de la colectividad y el bienestar social.

Sobre esta base esencialmente teórica, en un segundo apartado, realizamos el análisis del enfoque de gestión de paisajes adoptado en las RB, y el estudio del caso de la RBTMI, que pese a ser de reciente creación desarrolla un marco institucional y el Plan de Acción Meseta Ibérica, determinante en el enfoque del modelo de gestión de paisaje adoptado, y facilita reconocer el alcance de las acciones y proyectos dinamizados. Lo cual nos lleva a plantear la cuestión sobre si se trata de ¿paisajes de fuera hacia dentro o de dentro hacia fuera?

Para profundizar en esta cuestión general, y otras más específicas que en el Proyecto se han planteado, un tercer apartado introduce a la documentación cartográfica del territorio, destacando aquella multiescalar, comprensiva de la escala regional, local, urbana y arquitectónica. La expresión cartográfica de los paisajes de la RBTMI ofrece una perspectiva del marco de vida en este territorio, para cuyo detalle se han seleccionado tres municipios españoles y tres freguesías portuguesas, cuyas representaciones gráficas facilitan el entendimiento espacial de objetos, conceptos, condiciones, procesos o eventos propios del mundo humano (Harley y Woodward 1987).

¹¹⁸ Proyecto financiado por el Programa Operativo EP - INTERREG V A España Portugal (POCTEP).

Finalmente esbozaremos nuestra propuesta de reorientación hacia una estrategia de red de paisajes en la RBTMI basada en estas interrelaciones complejas que históricamente mejor han sabido reconocer y aprovechar los vínculos entre las actividades humanas y la conservación de su biodiversidad, entretejiendo el entramado configurador del marco de vida en un territorio tan amplio y diversificado.

2 - El paisaje en la construcción de la sostenibilidad rural: hacia una estrategia local en red

Sostenibilidad, paisaje y rural son términos que aisladamente adquieren significaciones muy variadas y son objeto de estudio desde las más diferentes disciplinas. En cierto modo ello conduce a una cierta ambigüedad cuando no confusión, que paradójicamente pueden estar en la clave de su gran difusión. Para el caso de la sostenibilidad señala Naredo (1996) “el éxito de la nueva terminología se debió en buena medida al halo de ambigüedad que la acompaña: se trata de enunciar un deseo tan general como el antes indicado sin precisar mucho su contenido ni el modo de llevarlo a la práctica”. El paisaje es objeto de numerosas publicaciones en las últimas décadas, pero según Luginbühl (2007) “ningún texto ha concretado todavía sus manifestaciones y su objeto a nivel operacional, de la investigación, de la enseñanza, ni sobre las corrientes diversas de pensamiento que remueven los medios científicos o profesionales”. Finalmente lo rural se encuentra en un proceso de cambio debido en gran parte a la extensión a todo el territorio de lo urbano que para algunos autores supone una modificación sustancial del concepto rural (Sancho Comíns y Reinoso Moreno 2012).

La lucha por la interpretación o conceptualización del paisaje manifiesta el enfrentamiento entre los que desean considerarlo como un mercado operacional o los que prefieren verlo como una herramienta para pensar en el bienestar de las poblaciones (Luginbühl 2007). El paisaje debe ser interpretado en el marco de la controversia identidad o mercado, moradas versus mejoras (Polanyi 1944), facilitando el reconocimiento de alternativas al pensamiento único que lleva el mercado, siendo en este sentido el Convenio Europeo del Paisaje, promovido por el Consejo de Europa, el documento y la institución que más han alentado una visión alternativa. Gracias al enfoque integrador del Convenio es posible plantear un marco conceptual alternativo o evolucionado del paisaje, determinante en la gestión del territorio al introducir una concepción transfuncional de los sistemas rurales, según la cual cada decisión estará basada en una relación y una interconectividad con una multitud de cuestiones que cada decisión puede producir en los asuntos globales y locales, dando sentido y lógica a los procesos desde la tradición, los conocimientos adquiridos, la experiencia, las situaciones reales o cotidianas, la creatividad y el diálogo social (Romano 2017).

El paisaje reconoce de ese modo también los aspectos económicos, pero en ese sentido de bien común introducida por Ostrom (1990), toda vez que comporta una implicación para modelos de

gestión colectiva que asumen como objetivo el de su conservación o sostenibilidad. Frente a los modelos excluyentes, el Convenio ofrece una visión inclusiva y participativa de los paisajes, de una significación histórica, pues como señala Luginbühl(2007), “se trata de un acontecimiento sin precedentes en la medida que esta convención rompe con al menos un siglo de concepción proteccionista del paisaje para extenderla a los paisajes ordinarios o cotidianos e ir más allá del simple cuadro de paisajes remarcables”.

El paisaje ofrece una representación a diferentes escalas territoriales y de tamaño del marco de vida de una comunidad, y permite reconocer la escala o nivel de gobierno local como la idónea para diseñar sistemas de gobierno y formas de organización social que enfrente estos procesos de transformación que deterioran la calidad de vida y los sistemas ecológicos. Las estrategias que pueden desarrollar como comunidad local requieren de alianzas con otras comunidades a ese mismo nivel que garanticen su autonomía. Hemos denominado a estas estrategias “red de paisajes”y se respalda en el reconocimiento que hace el Convenio Europeo del Paisaje a la participación de los actores locales, clave estratégica para su puesta en marcha y enfrentar estos desafíos (Conseil de l’Europe 2006).

3 - Gestión de paisajes en las RB transfronterizas:

Estudio de situación para el caso de la RBT Meseta Ibérica

La protección de los paisajes en el orden internacional es un objetivo destacado de la UNESCO no solamente a efectos de su inclusión en la lista de patrimonio mundial, sino en otros Programas como el MAB, que da apoyo a la Agenda 2030 y los objetivos de desarrollo sostenible adoptados por la Asamblea General de las Naciones Unidas, a través de la Estrategia común inicialmente adoptada en Sevilla en 1995, revisada recientemente en París en 2015, y el reciente plan de acción 2016-2025 adoptado en Lima. Se destaca en esa Estrategia y este Plan, el refuerzo a su implementación a través de unos territorios específicos reconocidos como RB, consideradas regiones piloto para “ investigar acciones innovadoras para el desarrollo sostenible que afronten a la vez la conservación de una biodiversidad dinámica y evolutiva y el desarrollo de actividades humanas responsables, mediante procesos de gestión y gobernanza participativa ligadas a la investigación y la educación, ofreciendo experiencias innovadoras de una alta capacidad de transferencia a otras regiones (UNESCO, 2015).

Es destacable la estrategia de organización en red de las RB, tanto en la escala internacional como nacional. En el orden internacional subrayar la Red Mundial de RB, La Red de Comités Nacionales MaB y RB de Iberoamérica y El Caribe, IberoMaB, creada en 1992 “para fortalecer, impulsar y difundir el Programa MaB y las RB en los países de latinoamericanos”, EuroMab creada en 1986 y reconocida como “una plataforma para la cooperación, y el intercambio de conocimientos y experiencia práctica

relativos a conservación de la diversidad biológica y cultural”, la RedBios de RB del Atlántico Este y la Macaronesia, o la Red Mundial de Islas y Zonas Costeras.

En el plano nacional se extiende igualmente esta forma de organización en red para garantizar la alta capacidad de transferencia de experiencias a otras regiones. Así la Red Española de RB (RERB), integrada por el conjunto de las RB (RB) españolas que están designadas por la UNESCO, considerando “ se diferencia de un simple grupo de RB en que cuenta con una entidad independiente de todas ellas que da soporte a las acciones comunes y asegura su funcionamiento en Red”, asumido por el Organismo Autónomo Parques Nacionales (OAPN) del Ministerio de Agricultura y Pesca, Alimentación y Medio Ambiente. En el caso de la red portuguesa de RB se reconoce su organización a semejanza de las Redes UNESCO, con el objeto de compartir experiencias y buenas prácticas en la gestión de las RB, que contribuyan a la educación, la ciencia y la cultura, así como al desarrollo sostenible de la economía local.

La estrategia de organización en red puede decirse es ampliamente reconocida en el contexto de las RB, ahora bien desde ese nivel esencialmente político a escalas regional, nacional e internacional, ciñéndose principalmente a los organismos oficiales que han ido asumiendo competencias en su gestión. La cuestión que planteamos estudiar en este apartado a través del marco institucional relativo a los paisajes es si internamente estas Reservas en su organización aplican también alguna estrategia de gestión en red de actores locales determinantes de los paisajes que proporcionan la biodiversidad.

Nuevamente apreciamos una cierta vaguedad en estos reconocimientos. Formalmente se aplican metodologías aparentemente específicas para articular el territorio entorno a estos objetivos y la participación del público, diferenciando en el mismo tres zonas, núcleo, tampón y transición, de que han de constar las RB, y a las que asocia tres funciones conexas, complementarias y que se refuerzan mutuamente: conservación, desarrollo y apoyo logístico. Aunque en algunas RB la conservación se ha impuesto al desarrollo, en muchas otras zonas con niveles bajos de desarrollo, concentración de la propiedad privada y una limitada política medioambiental, se impone la función de desarrollo ligada a promover el crecimiento económico, como se aprecia para el caso de Iberoamérica(UNESCO 2007). En estos casos las RB tienen una capacidad reducida para afrontar o resolver el conflicto con la sostenibilidad real u operativa, dado que como bien ha señaladoo Daly (1991): “Puesto que la economía humana es un subsistema de un ecosistema global finito que no crece, aunque se desarrolle, está claro que el crecimiento de la economía no puede ser sostenible en un período largo de tiempo.”

Las ambigüedades en el enfoque adoptado por la UNESCO pueden no obstante ser abordadas en los Planes de Acción de cada RB en base a los cuales articular su gestión. Para el caso de la RBTMI esta competencia es asumida por ZASNET, agrupamiento europeo de cooperación territorial creada como “un nuevo instrumento jurídico para la cooperación territorial, en el ámbito de la Unión Europea, dotado de personalidad jurídica, que tiene como objetivo facilitar y promover la cooperación territorial entre sus miembros, reforzando la cohesión económica y social”¹¹⁹. Orgánicamente ZASNET está integrada por las entidades públicas de carácter local siguientes, de la parte española el Ayuntamiento de Zamora, Diputación de Zamora y Diputación de Salamanca y de la parte portuguesa la Associação de Municípios da Terra Fria do Nordeste Transmontano, Associação de Municípios da Terra Quente Transmontana, Câmara Municipal de Bragança.

Operativamente el Plan de Acción Meseta Ibérica comienza a prepararse con la candidatura a la UNESCO para la creación de la mayor Reserva de la Biosfera de Europa, objetivo instrumental alcanzado en 2015, en que es declarada la RBTMI, habiendo seguido para ello un proceso formal de participación y consulta entre diferentes actores del territorio. El examen, desde la perspectiva de conservación de paisajes identitarios vinculados a la biodiversidad, de los diez fines de este Plan de Acción, sus seis ejes y las acciones que potencialmente articulan, no dan muestra de resolver esa generalidad de enfoque, o más bien apreciar su inclinación a un enfoque de mercado.

Aunque inicialmente abre las intervenciones en la RBTMI a la protección de un marco de vida en el que las actividades humanas se proyectaban en el medio natural, principalmente en el Eje 1 referido a los sectores agrícolas y forestales, determinantes de sus paisajes originales o emblemáticos, destacando “el papel de las explotaciones agrícolas y sistema forestales de la Reserva de la Biosfera incrementa al mismo tiempo el valor natural y la capacidad de captura de carbono y con potencial de financiación pública”, el examen de sus acciones de apoyo técnico y científico se centra principalmente en la “promoción y divulgación de los productos endógenos de la Reserva” como una marca de calidad. Apreciamos en ello un reduccionismo de las posibilidades de intervención que ofrecen a partir de las redes internas creadas entorno a los mismos, limitándose esencialmente a una medida de mercado.

¹¹⁹ REGLAMENTO (CE) N.O 1082/2006 relativo a los agrupamientos europeos de cooperación territorial (AECT).

En el Eje 3 se denota la prioridad concedida en la Estrategia a la dinamización del turismo como eje de desarrollo económico vinculado a la protección y valorización del patrimonio cultural y natural de la RBTMI. Pero el reconocimiento de la Reserva de la Biosfera como una herramienta de marketing del territorio, planteando " que los factores culturales diferenciadores del territorio, incluyendo el patrimonio construido, las características arquitectónicas y la experiencia de los pueblos, las características del campo y su valor natural, el arte en sus costumbres populares y de profundo conocimiento, la artesanía, sirvan como estrategia de atracción de empresas y actividades económicas, incluyendo el turismo pero sin excluir otras", de nuevo desmarca una gestión que pone el paisaje al servicio del mercado.

Siendo el turismo una actividad con un marcado impacto ambiental sobre el paisaje, sus medidas correctoras pasan por su adecuación a las redes de paisaje que dan identidad al territorio, y se promueva en un entorno próximo, desde el empoderamiento de los propios habitantes de este territorio. Es decir como una actividad complementaria y de respaldo a las tradicionales, principalmente el agroturismo ecológico que además de conservar prácticas agrícolas tradicionales, de contenido al patrimonio urbano y arquitectónico propio de estos lugares, preservando las tradicionales casas, cabañas, chozos, palomares, cortinas u otras construcciones auxiliares pero con una profunda significación paisajística.

Sabedores de que la extensión global de una economía de mercado desregulada favorecida por las autoridades públicas a todas las escalas o niveles está en el origen de la profunda brecha entre lo rural que se desarrolla fuera del mercado y los poderes que se manifiestan e identifican con ese orden de poderes de base neoliberal, no parece que el fomento de esa esfera del mercado sea una solución adecuada a la protección de los paisajes endémicos. El caso más extremo es la gestión de la cuenca del Duero marcada por su explotación para el oligopolista mercado hidroeléctrico, muestra la jerarquía de intereses que se promueven en este sector (Fundación Nueva Cultura del Agua 2005), que impactan de un modo crítico a este Territorio.

La historia de los denominados Saltos del Duero en la parte española es esencialmente la empresarial de la vasca Iberdrola. Desde los años 30, iniciándose con el salto de Ricobayo situado sobre el Esla, se da comienzo a los "paisajes construidos de la hidroelectricidad" (Riesco Chueca 2009) que busca en estas tierras tan alejadas y tan diferentes en dinamización económica y grado de industrialización las fuentes de energía que alimentasen el crecimiento y expansión económica, principalmente en beneficio de ciertas élites. ¿Pero a que conste de paisaje? la serie de aprovechamientos españoles y portugueses sobre el Duero transforman en su construcción, en su explotación y su potencial

abandono en un futuro tanto a los elementos naturales como los económicos y culturales de estos paisajes, con los consabidos impactos de las presas, inundaciones permanentes que afectan a las mejores tierras de pasto y cultivo, incluso a algunas poblaciones enteras, efectos frontera física que al tiempo que altera las comunicaciones entre los habitantes de los pueblos españoles y portugueses, impacta de un modo crítico en los regímenes fluviales que afectan desde la morfología geológica a las dinámicas de los ecosistemas, amenazando las relaciones entre poblaciones de fauna y vegetación.

¿Qué compensaciones se han ofrecido a este Territorio por tales impactos ambientales desde el sector hidroeléctrico? Ni ecológica, ni social ni económicamente relevantes. Económicamente, pasado el periodo de construcción en los que era importante contar con mano de obra local, estos proyectos apenas generan empleos ni inducen el desarrollo de otras actividades económicas que permitan mantener la población en el territorio. Desde 2016 el Ayuntamiento de Fariza promueve entre los ayuntamientos afectados por embalses la reclamación de un canon o una compensación económica a las sociedades eléctricas que explotan los aprovechamientos hidráulicos, habiendo trasladado el caso a la Comisión del Agua hispano-lusa, cuya falta de respuesta denota el interés hacia los problemas de las localidades afectadas.

La trágica transformación demográfica que deja sin niños y jóvenes a la mayor parte de estas poblaciones, en las que se han roto las cadenas de transmisión de saberes intergeneracionales, aparentemente por un problema de falta de empleo y de actividades competitivas generadoras de rentas, en realidad es una forma de culpabilizar a los propios habitantes de un destino que dejó de estar en sus propias manos en ese momento en que irrumpe el mercado desgarrando los tejidos colectivos y cooperativos, y a los que las autoridades retiraron las más elementales protecciones.

Para concluir en esta parte, se observa que las autoridades políticas responsables de la RBTMI, no muestran una sensibilidad por un marco institucional alternativo al mercado, más bien hacia los nuevos paisajes y el marco de vida que dejan estas actividades, formulando unos planes que contribuyen a normalizar estas profundas transformaciones en los paisajes emocionales de los que ancestralmente han habitado en estos espacios de forma sostenible, y cuyo futuro parecen ligar a los valores foráneos, alejados de los conocimientos profundos de lo propio, como los promovidos desde el turismo o peor aún desde el sector hidroeléctrico, que dejan un desarrollo desde fuera, degradador de los paisajes de dentro. Quizás debido a sus propios límites competenciales, y el hecho de que la protección del medio natural, la agricultura o la educación recaen en otros niveles de gobierno regional o nacional, que a través de instrumentos de regulación limitan la participación local, y con ello el potencial de la propia RBTMI.

Así demuestran al proponer iniciativas del tipo Proyecto ZASENERGIA con el “objetivo de promover un programa para el uso de energías renovables y construcción bioclimática en el medio rural”, cuando, de un lado en este Territorio solamente la producción de energía renovable hidroeléctrica de las instalaciones de Aldeadávila; el Salto de Villarino; la central de Saucelle y la de Ricobayo, embalses propiedad y gestión directa de la empresa vasca Iberdrola, generan una media en torno a 2.000 gigawatios hora al año, que es mucho más de lo que se consume anualmente en toda la RBTMI, con una población de 169.745 habitantes, la cual paga la electricidad y sus impuestos a un precio regulado que desde las reformas del sector eléctrico, promovidas desde instancias europeas, simula un precio de mercado sin tomar en consideración ni los costes económicos de suministro para la empresa, que son menores para quienes viven cercanos a las centrales de producción, ni los costes externos que sufren estos habitantes precisamente por su proximidad a las mismas.

De otro lado, los programas de fomento de la construcción bioclimática con base a las nuevas tecnologías no debe ignorar ni que las mejores prácticas de construcción bioclimática se muestran en las edificaciones tradicionales, ni que los equipamientos no determinan la condición real de bioclimático en un edificio, sino la intensidad de su uso, por lo que la nueva construcción cuando tiene ese destino de segunda residencia en cierto modo pierde toda eficiencia energética, pues representa un agregado sobre el que se realiza en la vivienda habitual.

En definitiva el reconocimiento en esas comarcas naturales que conforman la RBTMI de otras redes de paisajes ,predominantemente locales que históricamente actuaban transdimensionalmente hasta la exposición del territorio a los mercados globales hace menos de un siglo, hacen necesario considerar su oportunidad de protección, o en su caso recuperación, como parte del marco de vida en estos hábitat garante de la armonización de la vida del hombre con la conservación de los ecosistemas y su biodiversidad, creando vínculos profundos que eviten la tragedia social de llevar a los moradores a decidir entre la diáspora, el reinventarse para el mercado global, o morir. Una tragedia que se replica a nivel de conservación del territorio y deja a la biodiversidad en una difícil encrucijada.

4 - El estudio cartográfico del paisaje de la RBTMI y sus dinámicas

El aumento en la preocupación por el deterioro de los paisajes en los países desarrollados, particularmente en Europa (Cañas et al. 2009), hace que los paisajes sean foco de una amplia gama de disciplinas tales como la planificación urbana, la gestión forestal, el desarrollo rural y la planificación territorial (Molina et al. 2016). Los planificadores y técnicos preocupados por el paisaje

buscan el apoyo de sistemas gráficos que permitan mejorar la evaluación del impacto visual de las intervenciones humanas y ayudar a evaluar su relación con la calidad del paisaje.

En el contexto de la planificación del territorio, el paisaje ofrece una visión holística del territorio con el objeto de anticipar diferentes escenarios que promueven la alteración de los espacios, en el sentido de prever desequilibrios y estimular tendencias que puedan promover el equilibrado bienestar de sus poblaciones. Desde hace varios años se considera "como la base para la integración de varias preocupaciones y políticas sectoriales (...) La ciencia del ordenamiento pasó a una perspectiva integrada, que reconoce la importancia de los diversos componentes del sistema que es el paisaje y, también, los vínculos entre todas las partes que la componen, en particular la interdependencia entre las áreas construidas, sus envolventes y el resto del territorio" (Quintas 2014).

En términos de Layout, el componente cartográfico de este estudio de los paisajes de la RBTMI se desarrolla a tres escalas, buscando en cada una de ellas un enfoque complementario y gradualmente más detallado, que posibilite un análisis integrado del territorio de RBTMI a ambos lados de la frontera. En primer lugar a escala regional, considerando toda el área clasificada RBTMI, se desarrolla un sistema de información geográfica que integra información básica de apoyo y referencia para las demás escalas. En esta escala se compila información cartográfica de base topográfica, cartografía nacional de las unidades de paisaje, cartografía de los usos del suelo, de las áreas protegidas y del patrimonio natural y cultural clasificado, así como cartografía a nivel de los núcleos urbanos y principales redes de comunicación en el territorio, que sirvan como base de apoyo y referencia a las demás escalas.

Para la escala local y teniendo como base las diferentes unidades de paisaje constantes en la RBTMI, se identificaron 6 municipios/aldeas, 3 de cada lado de la frontera, que constituyen las unidades básicas de investigación que se asumen como de referencia para toda el área en estudio (Fig.1). En esta escala de análisis, se desarrolla una caracterización de las aldeas y de las áreas circundantes a preservar (Fig. 2), siendo estas últimas definidas ponderando tanto la delimitación de las correspondientes cuencas de drenaje de aguas superficiales / líneas de fachada (watershed basin) asociadas a cada aldea, y las zonas visibles a proteger, obtenidas por análisis de visibilidad (viewshed analysis). Las aldeas representativas aseguran así una diversidad de condiciones edafoclimáticas, de orografía, y de dinámicas socioeconómicas diferenciadoras, que se traducen potencialmente en dinámicas de paisaje distintas entre sí y con personalidad propia, retratando así realidades diversas de interacción entre el hombre y su territorio.

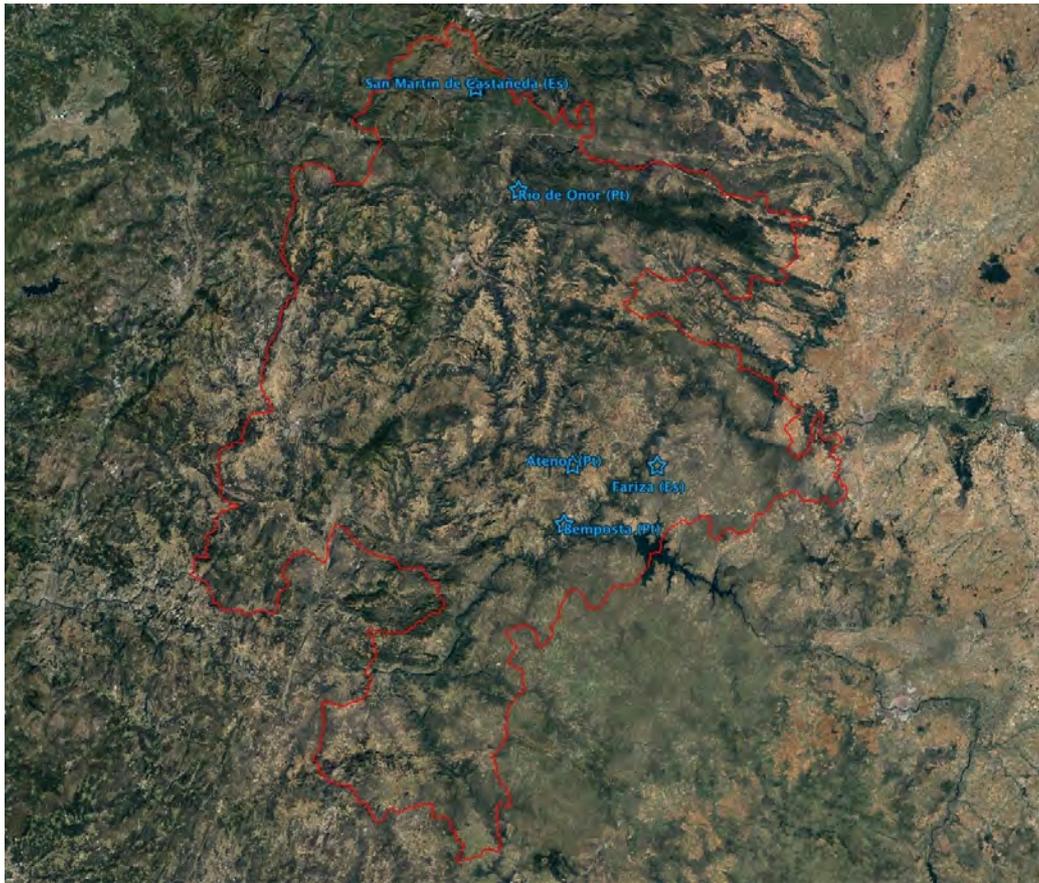


Fig. 2. Límite de RBTMI y localización de las 6 aldeas / municipios de referencia.



Fig. 2. Áreas que afectan a las 6 aldeas / municipios de referencia. (fuente: Google Earth).

Basándose en bases cartográficas disponibles de la Carta de Uso y Ocupación de Suelos (COS) en Portugal y el Sistema de Información sobre Ocupación del Suelo de España (SIOSE), que se complementa con el trabajo de investigación de campo a nivel de los centros urbanos, se obtiene un análisis de patrones de uso del suelo y de las dinámicas relacionales entre el hombre y su territorio. Se identifican similitudes y diferencias en las tipologías de uso dentro de los espacios urbanos. Además, el análisis centrífugo de estos últimos para cada entorno permite identificar factores nacionales y locales determinantes de las perspectivas esperadas de dinámica temporal.

Complementariamente, se realizan encuestas que permiten identificar preferencias visuales para identificar potencialidades y limitaciones de las tendencias y de las dinámicas esperadas, en el sentido de potenciar un eficaz aprovechamiento económico del paisaje como recurso y en el sentido de promover la valorización cualitativa de ese recurso, enfrentando tendencias de degradación. El análisis contrastado de las distintas aldeas de referencia permitirá identificar las diferencias y semejanzas entre la relación del hombre, como moldeador de paisaje, constituyendo la cartografía y los estudios a desarrollar, instrumentos de base para el desarrollo de directrices e instrumentos de conservación territorialmente integrado de los paisajes de RBMI y para la valorización de los recursos naturales y culturales que las integran.

Por último, a escala de mayor detalle, el estudio se basa en un análisis del patrimonio edificado a través de la lectura y descripción arquitectónica, del levantamiento de materiales y procesos constructivos tradicionales e identitarios de la relación del hombre con el entorno, por lo que se da particular énfasis al patrimonio edificado, pero también a las vías y a los muros de sellado. La cartografía resulta del análisis morfo-tipológico de los núcleos edificados de las seis aldeas de referencia (fig.3), con vistas a la definición de los valores físicos y arquitectónicos y la expresión de los materiales de construcción que formalizaron la arquitectura tradicional de las unidades de paisaje de la RBTMI. Esta cartografía será complementada con una evaluación de la imagen urbana de los núcleos edificados, soportada en la producción de modelos tridimensionales resultantes de procesos fotogramétricos aplicados a imágenes de alta resolución obtenidas con recurso a drones.



Fig. 3. Núcleos edificados de las 6 aldeas / municipios de referencia. (fuente: Google Earth).

Los resultados esperados con este material cartográfico de la evolución del Paisaje permiten anticipar impactos de las actividades estructurantes del espacio en la calidad de vida de sus poblaciones residentes y visitantes. La documentación de la percepción en las tres escalas de análisis a partir de documentar las especificidades técnicas de alto valor asociadas a estas aldeas, informará unas bases comunes a la RBTMI para el desarrollo futuro de orientaciones urbanísticas, guías metodológicas de técnicas constructivas y acciones de sensibilización que protejan, y valoren el patrimonio edificado característico de la RBTMI. Se informan de ese modo las políticas de ordenación de los territorios que estimulen los escenarios menos impactantes y reduzcan a los que más degradan el territorio.

5 - Modelos de prácticas sostenibles en red de paisajes para la RBTMI

El análisis de los mecanismos de gestión y dinamización de los paisajes que conforman la RBTMI nos ha permitido advertir un peligroso sesgo hacia prácticas de mercado difíciles de compatibilizar con la preservación de los agroecosistemas tradicionales y el modelo ecoeficiente de habitar que ha determinado los paisajes identitarios de las comarcas que integran este territorio de frontera, en el que el intercambio de experiencias y actividades, así como la permanente observación de los que habitan estos lugares desde la parte española a la portuguesa y a la inversa, ha determinado su forma de vida, y contribuido a tejer una serie de redes entorno a sus endemismos naturales y etnográficos que han resultado estratégicas para la preservación de sus paisajes y la biodiversidad.

La dinámica de transformación de estos paisajes es visible, pero al mismo tiempo compleja, y por tanto difícil de abarcar en todas sus dimensiones. En un ejercicio de síntesis marcado por el criterio de destacar las claves de lectura e interacción con el territorio que han mantenido las culturas en su objetivo de pervivencia en el mismo, hemos extraído las buenas prácticas que visibilizan el potencial de las redes de paisajes desde cuatro grupos de actividades: Las agrícolas y ganaderas tradicionales representadas especialmente en las de conservación de razas autóctonas, las arquitectónicas en su enfoque urbano y de construcción social, el turismo como actividad emergente desde su orientación hacia el ecoturismo, y las aportaciones pedagógicas que ofrecen los conocimientos adquiridos desde las dinámicas de redes del paisaje a la educación social y la innovación en el sistema educativo que implique a todos los actores para que sea inclusivo y garantice un beneficio colectivo.

De partida el estudio de unidades de paisaje que conforman la RBTMI nos lleva a destacar las comarcas históricas que lo integran y mantienen en la actualidad gran parte de su identidad. En la parte española comprende las comarcas de Sayago, Aliste y Sanabria, y en la portuguesa de Terra Quente Transmontana, y una parte de Terra Fria do Nordeste Transmontano. Siendo la ganadería una de las actividades que mejor caracteriza estos paisajes, las razas autóctonas de este territorio son testimonios de estas identidades comarcales, encontrando en la parte española la Vaca Sayaguesa, la vaca Alistana-Sanabresa, el Burro Zamorano-Leonés, la Oveja Churra-Sayaguesa y la Cabra Agrupación de las Mesetas, y en la parte portuguesa la Vaca mirandesa, la oveja churra terra- quente, Churra Galega Bragançana, Churra Galega Mirandesa, la cabra Preta Montesinho, Burro de Miranda o el Mastín de Trás-os-Montes (Cão de Gado Transmontano), ligado a las actividades pastoriles y a la transhumancia .

Las actividades agrícolas y ganadera son el eje entorno al que identificar los valores culturales originales que caracterizan estas Comarcas, y determinan su organización interna en la ocupación del espacio desde la escala arquitectónica, las casas que se disponían con diferentes dependencias para aperos y ganadería, a la urbana, que se articulaba entorno a cauces menores y fuentes de agua, adaptándose a un relieve con pendientes desiguales, e interurbana conectadas por una red caminera que facilitaba sus comunicaciones e interrelaciones históricas. En esta frontera, alejada de los centros políticos de decisión, y con una marcada historia de aislamiento, el modo de interactuar con el medio es en gran medida resultado de la permanente relación o trato de los que habitan estos lugares a un lado y otro de la frontera, determinante en el intercambio tanto de mercancías como de experiencias y saberes que han entretejido una serie de redes entorno a sus endemismos naturales y etnográficos, que pese a las diferentes nacionalidades, históricamente han resultado estratégicas en la conformación y transmisión de sus identidades paisajísticas así como en la preservación de su extraordinaria biodiversidad.

El estudio urbano comparado de las aldeas de Cozcurrita en la orilla española de los Arribes del Duero y la Comarca de Sayago, en el que predominaban las actividades ganaderas y formaciones adeshadas, y la de Freixiosa, en la orilla portuguesa y el Concejo de Miranda de Duero, en el que eran dominantes las actividades agrícolas con cultivos en terrazas, permite observar la existencia de prácticas comunes en paisajes diferenciados, reveladores de una intensa comunicación entre ellas salvando la frontera física del Duero y la administrativa de sus nacionalidades.

Paradójicamente, con lo que podemos calificar como el fin de esa historia de aislamiento, desde la integración en un entorno europeo y global durante las últimas décadas, detona una profunda transformación en sus paisajes, manifiesto en las diferentes presiones introducidas en los patrones de comportamiento rural por el cambio de modelo socioeconómico, especialmente incisivo en las actividades agrícolas y ganaderas, afectadas por una Política Agraria Comunitaria (PAC), que aparentemente proporciona estabilidad de los ingresos para los agricultores y los ganaderos y ofrece oportunidades para mejorar y readaptarse profesionalmente, pero que en la realidad ha tenido un crítico efecto ambiental y socioeconómico, perceptible en el despoblamiento en estas comarcas, denotando su orientación más a la cantidad que a la calidad, a las mega explotaciones vinculadas a la industria alimentaria, de maquinaria e insumos, siendo clave en la deconstrucción de los paisajes rurales vinculados a los núcleos familiares, y que en la parte portuguesa perviven en mayor medida que en la española.

La identificación de estas redes de paisaje y su dinamización en el territorio da apoyo a prácticas de gestión de aprovechamientos agrícolas determinantes de los paisajes, prestando una especial atención a las explotaciones familiares, las ganaderías extensivas, a las actividades de autoproducción, a la gestión de espacios y bienes comunales, así como de preservación de ese legado patrimonial genético de razas adaptadas a este medio, productoras de alimentos de extraordinaria calidad. Estas redes han operado en el territorio desde tiempos ancestrales y han dejado una rica diversidad de testimonios en el paisaje, una parte de los cuales puede advertirse en su rica toponimia, y que metafóricamente son como libros escritos muchos de los cuales aguardan ahora cerrados en esta enorme biblioteca de paisajes.

El estudio del potencial del turismo rural como actividad económica emergente para revitalizar estos territorios desde otras nuevas redes tiene un fundamento cuestionable en lo económico, dada su estacionalidad y limitada extensión en empleo e inversiones. Por otro lado representan una ruptura con los paisajes de la RBTMI, dado que los turistas han manifestado sentirse atraídos para visitarla por el espectáculo natural de la orografía del Río Duero o del Lago de Sanabria, o algunos lugares, como en la aldea de Rihonor de Castilla y Rio de Onor en su parte portuguesa, por el atractivo de estar a uno u otro lado de la frontera con dar un paso, y en una menor medida por proteger unos

estilos de vida que proporcionan alimentos de extraordinaria calidad y técnicas de edificaciones tradicionales esencialmente bioclimáticas.

Pero sobre todo el turismo es contestable en lo ecológico. Los turistas en general entran a estos territorios como visitantes foráneos al medio y solamente pueden participar en las redes de paisajes desde un alternativo enfoque ecoturista, que implica un compromiso con la protección de los valores culturales y los ecosistemas, para lo cual se propone en el Proyecto intervenir en este mercado tanto del lado de la demanda, como de la oferta, mediante procesos de concienciación y de participación, no recreación, en actividades cotidianas de estos lugares que intrínsecamente revitalizan la memoria de los valores creados en la relación del hombre con la naturaleza. Se trata por tanto de destacar experiencias que fomentan programas de turismo para acompañar y compartir redes de paisajes a través de vivir experiencias y actividades ancestrales, siendo las ganaderas o agrícolas de gran interés, pero no las únicas. Las experiencias de voluntariado ambiental muestran otras alternativas, como la rehabilitación de edificaciones colectivas, limpiezas de espacios naturales, recuento de fauna, etc.

Las redes de paisaje orientan la puesta en marcha de un proceso de diálogo y emprendimiento de acciones colaborativas en el marco de una plataforma con múltiples actores, que sistematice el intercambio de información y discutir perspectivas del marco de vida, con el fin de alcanzar un entendimiento común acerca de las condiciones, los desafíos y las oportunidades del paisaje. Dicho proceso orienta la planificación colaborativa para elaborar un plan de acción concertado entre los actores, poniendo cuidado en definir compromisos colaborativos y también efectuar un monitoreo para la gestión adaptativa, cuyos resultados alimenten las siguientes rondas de diálogo y de intercambio de conocimientos, así como el diseño de nuevas acciones colaborativas.

Operativamente se deben realizar actividades de paisaje intersectoriales e intergeneracionales basados en reconocer los procesos de creación del tejido social en el territorio a escala local y su papel en la biodiversidad. Es importante que las redes de paisajes generen dinámicas de conocimiento y aprendizaje social, e insertarse en la base de los programas educativos reglados y no reglados que incorporen y den prioridad a la sensibilización en esas formas de vida que materializan este objetivo de sostenibilidad de los sistemas rurales.

Finalmente se destaca el interés de dinamizar un programa de educación en el paisaje transfronterizo orientado a escolares locales. Porque en este territorio la tragedia en la dinámica de paisajes rural no es que muchos de estos municipios y freguesías se quedan sin niños que den continuidad a los paisajes legados, sino que muchos niños se queden sin pueblos en los que vivir su infancia y reconocer el bienestar social que proporcionan los paisajes propios.

Bibliografía

- Araya Rosas, Pedro y Clüsener-Godt, Miguel Eds. 2007. *Reservas de la Biosfera. Un espacio para la integración de conservación y desarrollo. Experiencias exitosas en Iberoamerica*. UNESCO. Disponible en http://www.conaf.cl/wp-content/files_mf/1363982014Libro1UNESCOfinalimprensa.pdf
- Brufao Curiel, Pedro. 2006. *Demolición de presas y otras obras hidráulicas: herramienta indispensable para la restauración de nuestros ríos y humedales*. Aems-rios con vida
- Cañas, I., E. Ayuga, F. Ayuga. 2009. "A contribution to the assessment of scenic quality of Landscapes based on preferences expressed by the public". *Land Use Policy*, 26, pp 1173–1181.
- Comins, José Sancho y Reinoso Moreno, Daniel. 2012. "La delimitación del ámbito rural: una cuestión clave en los programas de desarrollo rural". *Estudios Geográficos* Vol. LXXIII, 273, pp. 599-624.
- Conseil de l'Europe. 2006. *Paysage et développement durable. Les enjeux de la Convention européenne du paysage*. Conseil de l'Europe. Editions du Conseil de l'Europe
- Daly, Herman. 1991. "Criterios operativos de desarrollo sostenible". *Debats*, 35-36, pp38-41.
- Díaz Morlán, Pablo. 2006. "Los Saltos del Duero (1918-1944)", en Anes, G., dir., *Un siglo de luz. Historia empresarial de Iberdrola*. Bilbao, Iberdrola.
- Fundación Nueva Cultura del Agua. 2005. *Aguas Limpias, Manos Limpias. Corrupción e Irregularidades en la Gestión del Agua en España*. Bilbao, Bakeaz.
- Harley, J.B. y Woodward, D. eds. 1987. *The History of Cartography. Cartography in Prehistoric, Ancient, and Medieval Europe and the Mediterranean*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Lozato-Giotart, Jean-Pierre. 2003. *Géographie du tourisme. De l'espace consommé à l'espace maîtrisé*. Paris, Pearson Education France.
- Luginbühl, Yves. 2007. "Pour un paysage du paysage". *Économie rurale*, 297-298. Disponible en <http://economierurale.revues.org/1931> ; DOI : 10.4000/economierurale. (Consultada el 16 diciembre de 2017)
- Molina, Juan Ramón, Francisco Rodríguez y Silva, y Miguel Ángel Herrera. 2016. "Integrating economic landscape valuation into Mediterranean territorial planning." *Environmental Science&Policy*, 56, pp. 120–128.
- Naredo, José Manuel. 1987. *La economía en evolución. Historia y perspectivas de las categorías básicas del pensamiento económico*. Madrid, Siglo XXI.
- Naredo, José Manuel. 1996. "Sobre el origen, el uso y el contenido del término sostenible. *Documentación Social*, 102, pp.113-127. Disponible en <http://habitat.aq.upm.es/cs/p2/a004.html>- (Consultada el 16 diciembre de 2017)
- Ostrom, Elinor. 1990. *Governing the Commons: The Evolution of Institutions for Collective Action*. New York: Cambridge University Press.
- Polanyi, Karl. 1944. *The Great Transformation*. Traducción española.1989: La gran transformación. Madrid:La Piqueta.
- Quintas, Andreia V. 2014. "Génese e evolução dos modelos de Estrutura Verde Urbana na estratégia de desenvolvimento das cidades". *A Obra Nasce*, Nº 8, pp 153-167.

- Riesco Chueca, Pascual. 2009. "Los paisajes contruidos de la hidroelectricidad. Ricobayo en la mirada de Theodor Rehbock"
Disponible en
http://www.upo.es/ghf/giest/GIEST/publicaciones/623_Theodor_Rehbock_breve_semblanza_y_viaje_a_los_Saltos_del_Duero_1934.pdf
- Romano, Joaquín. 2017. "Landscape and economy: an approach from the European Landscape Convention", en Council of Europe, *Landscape dimensions*. Strasbourg. Council of Europe, pp. 191-216.
- UNESCO. 2015. Estrategia del programa el hombre y la biosfera para el periodo 2015-2025. Disponible en
<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002346/234624s.pdf>
- Vázquez Varela, Carmen y Martín Gil, Fernando. 2011. "Problemas de sostenibilidad del turismo rural en España". *Anales de Geografía*, vol. 31, (1), pp 171-194.
- Zoido Naranjo, Florencio. 2006. "Paysage et aménagement du territoire", en Conseil de l'Europe. *Paysage et développement durable: les enjeux de la Convention européenne du paysage*, Strasbourg. Editions du Conseil de l'Europe, pp 58-87.